

27/07/2017: 13h12m

No momento em que iniciei esse texto (da coluna central), não havia anotado data e hora. Agora isso me pareceu interessante. Assim, pude anotar o horário final da escrita, a partir do registro do horário do arquivo, mas não pude definir o horário de início. Sei que foi no final do dia, após 18 horas, quando cheguei em casa depois de assistir a defesa de mestrado intitulada Deseducação visceral: de Guilherme Schröder e orientada pela professora Paola Zordan – na linha de pesquisa Filosofias da Diferença e Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação/ FAGED-UFRGS. Programa ao qual ingresso oficialmente como mestrando no dia 01/08/2017. 13h19m: preciso preparar almoço e ir para a defesa da proposta de Tese “Distopia crônica na Educação”, de Gabriel Torelly também orientado pela professora Paola. ~~[Talvez retirar essa última nota...]~~

[1] 06/07/2017<sup>[6][19]</sup>

18 horas e alguns minutos

E é assim que inicia a escrita, começando. Ainda que em pensamento já esteja em andamento... e que corra aqui então: uma escrita corrida. Que dance aqui então, nesse encontro entre o que pensa, o que não sabe, mas passa - o que transcreve<sup>transvia</sup>, e transcriba, nessa composição.

### Depois do prólogo

E o que segue, agora, nesse texto: segue quem? O que? Para onde? Que siga, ~~sem direção~~<sup>ainda que em linha reta, nas linhas da escrita</sup>. Intentamos que volte, que se revolte, que vá, volte e veja, e mude, sem emudecer o texto, que varie aceitando o que passou. O que aqui pretende ser um registro da vida, um pulsar da vida, ainda que, e talvez sempre, artificial. Um retorno, um tornar a si, ~~efrindo~~<sup>rasurando</sup> o que de alguma forma pareça inadequado, deslocado, inapropriado: mas deixando-o ali - que sei eu do que sabe o texto no encontro com quem lê? E qual o direito, ou o sentido, ou o motivo de corrigir a si mesmo? Esse outro que fui com esse outro que sou sobre esse outro que lê e que, em mais de um sentido, não sou eu. E para deixar aqui então rastros de encontros que não posso capturar, mas esboçar, mantendo essa tática da escrita em improviso, em jogo, num jogar, num ~~ejacular~~<sup>jorrar</sup>. Lanço às palavras como quem lança os dados.

### Do que se trata esse jogo então

Um jogo de escrita. Intenta dar visibilidade para os movimentos, para o que toma meu corpo como possibilidade de registros de presenças, efêmeras, e que o texto transcriba, em uma transcrita – que fabula, que delira. Pensa sobre a ideia de um corpo potencial – um corpo que vibra, que ressoa, reverbera. Um corpo que percebe, que sente, que permite, que aceita, que

06/07/2017: 18 horas e alguns minutos

~~Citação da besteira de Deleuze no Diferença e Repetição.~~

23/08/2017: 08:54

Pois a incerteza pessoal não é uma dúvida exterior ao que passa, mas uma estrutura objetiva do próprio acontecimento, na medida em que sempre vai nos dois sentidos ao mesmo tempo e que esquarteja o sujeito segundo esta dupla direção. O paradoxo é, em primeiro lugar, o que destrói o bom senso como sentido único, mas, em seguida, o que destrói o senso comum como designação de identidades fixas. (DELEUZE, 2017, p.3).

cria. Um corpo que inventa, que não nega, que inclui. E ainda que não goste, insere nesse composto, modula, rasura, para variar, para jogar, para rir de si mesmo: algo entre uma primeira ação, uma dissertação, e outros movimentos, de rasuração, dissecação, ironização. Pela besteira que desvia da reconhecimento, pelo riso que inclui, pela via da permissão: permitir ser um outro que segue, que vai, que se perde, e do qual não se tem controle. E a cada pausa, quando me pego a pensar, retomo a ação das minhas mãos sobre o teclado, como evitando o complexo diálogo que censura o próprio pensamento, que se pré-ocupa antes da escrita, correndo o risco de não voltar a escrever. Por sinal – e tomo a frase anterior como um sinal, como um signo a partir do que me re-apresenta o que acabei de escrever, encontrando um sentido outro ~~do~~<sup>no</sup> que “eu” mesmo escrevi: aceitar o risco dessa escrita-vida, escritiva, escrivivência, ou o que quer que seja. Risco de riscar, risco de rabiscar, de rasurar: quem sabe somos uma mancha passageira nessa passagem do que se chama vida. Uma mancha, fluída, que escorre, que deixa marcas, que se mantém, ou que some. Algo que escorre, que escapa, que não se mantém na conduta, no conduto. Esse corpo potencial, esse que se busca, esse que se cria, que se pretende, aqui. Esse corpo potencial, esse corpo que movido por afecções escreve, esse corpo que é o corpo do texto, esses corpos outros que moveram essa escrita e que insurgem em imagens do pensamento, movidos por esse texto. Sempre me questiono qual a massa de um pensamento: se todo corpo possui uma massa, e quanto maior a massa desse corpo maior a sua força de atração – e daí o sentido da gravidade, qual seria a força de uma ideia tomada como um corpo? Seria possível pensar que, quanto maior as partes, e a quantidade de partes, que se articulam nisso que poderíamos definir como uma ideia, maior seria a sua força de atração? E se, então, daí é que viriam os encontros: não tão aleatórios assim, mas um corpo se movendo em direção aos outros por sua força de atração. E então, talvez, seria esse um corpo potencial, um corpo que tem potência para atrair outros corpos, e com eles compor. Não seria uma apropriação que deixa o mundo carente do corpo o qual foi atraído por ~~um~~<sup>por um corpo qualquer</sup>, pois essa atração seria uma capacidade de atualizar, em pensamento, movimento corporal, composição

23/08/2017: 09:09

Como foi reconhecido de diversas maneiras por tantos autores (Flaubert ou Lewis Carroll), o mecanismo do não-senso é a mais elevada finalidade do sentido, assim como o mecanismo da besteira é a mais elevada finalidade do pensamento. Se é verdade que não dizemos o sentido daquilo que dizemos, podemos, pelo menos, tomar o sentido, isto é, o exprimido de uma proposição, como o designado de uma outra proposição – da qual, por sua vez, não dizemos o sentido, e assim indefinidamente. (DELEUZE, 1988. p. 221).

27/07/2017: 12h57m

É a primeira vez que retorno a esse texto. Acabo de ouvir um grito do funcionário da obra vizinha, me lembra os Flinstons: yabadabaduh. Mas isso é irrelevante e chega a ser infantil. Infantil? Bom que seja então... Agora ouço marteladas... pode ser o sinal para voltar a seriedade da adultes... Dizia que retorno ao texto e na releitura não senti vontade de cifrar, de alterar. No momento acabo de organizar um outro fragmento, composto com notas dispersa, método que venho adotado. Fragmento que aborda conceitualmente temas que joguei, ao improviso neste texto que aqui retomo. De maneira estranha para mim, além de não sentir vontade de mexer neste texto, o que antes de ler pensava que aconteceria, já que algumas ideias em tese foram amadurecidas, encontrei nele mais prazer e sentidos do que as tais ideias amadurecidas do texto recente – que também acabei de reler. Há indícios de que o frescor da escrita em fluxo, e do pensar que se aproxima então de um certa leveza de movimento (ideia para a qual não desejamos nos aproximar com romantismo) que produz prazer no encontro. Por esse motivo, agora, opto por não fazer nenhuma alteração e registro, que a utilização de nota sobre a

textual, ou de outra ordem, o que é virtual.

### **Das regras desse jogo-escrita-composição em improviso**

Primeiro, parece ser preciso uma observação sobre as regras.

#### **Observação sobre as regras**

Se as regras definem uma restrição, não é para restringir – no sentido de parar, mas para promover um desvio, um contorno e, novamente, por que não, um retorno. A regra limita para incomodar. Para que não seja cômodo. Para que não seja o mesmo que retorna em reconhecimento, mas para que se torne outro, nesse incômodo da regra que restringe para um desvio criativo. Retomando a ideia antes escrita, de que se pretende dar corpo, em escrita, a esses corpos que passam e que, na impossibilidade de descrição efetiva, numa ideia de representação, aqui se torna outra coisa. E que se, uma das regras, é justamente não apagar, é para com o intuito de presentificar o movimento e, com isso, também – além de outras coisas que essa regra produz -, apresentar um texto feito de movimentos, e não uma cuidadosa composição pomposa de um certo eu pré-ocupado com seiláoque.

### **Das regras desse jogo-escrita-composição em improviso**

#### **Regra 1**

Tanto quanto possível, escrever em fluxo: mandar ver! [mandar ver me pareceu uma boa ideia, enquanto <sup>no sentido de</sup> pensar a escrita como o que autoriza, mais do que determina, que seja visto o que antes não era, por ausência de denominação]

06/07/2017: 18 horas e alguns minutos

Citar artigo Máximo... la escrita sociografica..

23/08/2017: 09:51

Para una educación que difere de sí misma en la medida en que se repite como alteridad multiforme y se hace presente al no crear para sí un meta-relato que la proyecte para otro plan que el de su propia practica del presente.

(ADÓ; CORAZZA, 2015, p. 272)

~~eifragem~~<sup>rasura</sup> foi feita durante a própria escrita, no dia 06/07, numa auto-correção durante a improvisação-texto e que, se vier a fazer outras “correções”, venha a usar um recurso diferente para dar a diferença de tempo – mas não creio, agora, que essas alterações venham a ser necessárias como inicialmente pensado. E que essa coluna pode dar conta de alguma observação – como esta que acabo de fazer.  
Yabadabaduhhhhhhhhhhhhhhhhh

06/07/2017

Sobre o uso do colchete ver a regra  $\times^3$ .  
Sobre o sentido da escrita nessa coluna ver a regra  $\forall^1$ . [agora não entendo porque escrevi isso...]

### Regra 2

Não se apaga o que se escreveu. Se algo depois foi considerado, na releitura, da ordem de uma falha, ou um erro, ou uma inconsistência, é ~~utilizado a cifra~~<sup>esta é rasurada</sup>, e uma nota reduzida é utilizada sobre a própria palavra.

### Regra 3

Agora não sei qual seria, já devo esta cansado de escrever.

### Recurso 1: coluna da esquerda

Comentários feitos durante a primeira escrita ou em releitura, que pode explicar, variar, confundir, ou qualquer outra ~~fabulação~~<sup>variação</sup>.

### Recurso 2: coluna da direita

Coluna das citações. Pode se dar, em princípio, de duas formas: a citação que move a escrita (que viria antes, como um disparador) ou uma citação que compõe com a escrita – e essa se desdobra também em duas: pode ser um conceito ou citação lembrado parcialmente durante a escrita e que é anotado na coluna para depois ser buscado no livro em questão, ou uma citação lida posteriormente que pode compor – e variar sobre o texto já escrito e, ainda, ser motor da rasuração – ~~eifragem~~<sup>sobrescrito</sup>, e variação sobre a escrita inicial.

### Recurso 3: colchete

Para o registro do pensamento que não se encaixa no texto. O pensamento que questiona, que sublinha a ideia, que registra a moral interna, que acha graça de algo, ou o que quer que seja e que, ao ser percebido e captado, pode ser jogado no texto também.

### Ressalva 1

Essa ~~dissertação~~<sup>é uma dissertação-ensaio</sup>. Está comprometida com o movimento do pensamento, com o pensar o próprio pensamento. Com isso pensar a

06/07/2017: 18 horas e alguns minutos  
Citação tese Máximo...  
23/08/2017:09:24

Algo como a conquista de si pela fabricação de incessante, intensa e ininterrupta especulação da linguagem. (ADÓ, 2013, p.125).

06/07/2017: 18 horas e alguns minutos  
Forças em Nietzsche:...  
23/08/2017: 09:34

Jamais encontraremos o sentido de alguma coisa (fenômeno humano, biológico, e até mesmo físico) se não sabemos qual a força que se apropria da coisa, que a explora, que dela se apodera ou nela se exprime. Um fenômeno não é uma aparência, nem mesmo uma aparição, mas um signo, um sintoma que encontra o seu sentido numa força atual. (DELEUZE, 1976, p.5)

educação, uma auto-educação. Uma dissertação que é, talvez como qualquer outra, uma fabulação [preciso estudar esse conceito de fabulação], que é uma ficção. Uma<sup>um texto</sup> parte da pesquisa, de uma pesquisa que parte da ideia do improviso, e deste como um estar apto a, de estar preparado para, de ter a potência de prover, de fazer ver – e o que é visto é uma criação. E essa criação resulta da composição com o informe, e com as coisas formadas. Que modula as energias, que faz variar os corpos, incluindo seu próprio corpo. E para o improviso, o jogo – porque o improviso não é da ordem da espontaneidade, não é um deixar fluir sua essência, mas se encontrar com as forças, com o fora, com o que quer que sejam esses outros, e compor.

### **Do que se trata essa pesquisa-texto, então?**

Que talvez o mais sério seja o jogo. Desprover o sentido de causa e efeito no pensamento, aceitar o acaso. Como fundo da ação e do pensamento, a inocência.

Como o modo do fazer, o improviso. Como o sentido da vida, e essa como fenômeno estético, criar para si um corpo potencial. E o corpo potencial é tão mais potencial quanto sua capacidade de improvisar. E esse corpo precisa [precisa não é a melhor palavra, mas é melhor do que “deve”] jogar consigo mesmo, precisa rir, precisa dançar, precisa se desequilibrar. Uma jogada para cada vez que o eu queira se centralizar: romper o equilíbrio instável para por o corpo em devir. Para uma outra individuação provisória.

06/07/2017

Paro o texto da coluna central – que por sinal poderia ser tomado na ideia de esqueleto axial, e esqueleto perpendicular [não é esse o nome, pesquisar depois]. Paro o texto, preciso ir dar aula. Estou atrasado. E porque não registrar as contingências da vida? E Porque não as vitórias, já que escrevi cinco páginas na primeira ação que inicia a dissert(ação). Por que não as vitórias, não se trata de vencer... do que se trata? Me atrasei ainda mais...

06/07/2017: 19h23m

06/07/2017: 18 horas e alguns minutos

Heráclito por Nietzsche, e Nietzsche por Deleuze.

23/08/2017: 09:51

A inocência é o jogo da existência, da força e da vontade. A existência afirmada e apreciada, a força não separada, a vontade não desdobrada, essa é a primeira aproximação da inocência. (...) Heráclito é aquele para quem a vida é radicalmente inocente e justa. Compreende a inocência a partir de um *instinto de jogo*, faz da existência um *fenômeno estético*. ( DELEUZE, 1976, p.14).

